



O PERFUME FUGAZ DAS FLORES E SEU PROVISÓRIO NÉCTAR

Ivone Gebara*

INTRODUÇÃO

O título poético desse texto que é sem dúvida um texto feminista, toca em áreas inclusivas e comuns às relações humanas. Brota de um sentimento de que muitas coisas e crenças nas quais acreditávamos ontem, foram caindo nos tempos de hoje. Tiveram seus sentidos derrubados muito embora ainda os seguíssemos numa espécie de repetição naturalizada dos mesmos. A repetição naturalizada nos ilude, enfraquece, cansa e até impede a reflexão sobre a vida de hoje. Por isso, há que revisitá-los, visitar nossos sentidos e buscas.

Há os que simplesmente deixam cair as lições aprendidas na sua juventude, há os que rejeitam as mudanças e enrijecem-se, tornando suas velhas crenças parte imutável de seu próprio corpo. Lutam por elas lutando contra os que pensam e agem de forma diferente. Matam e morrem por elas como se com isso significasse a possibilidade da vitória do eterno sobre o temporal, do definitivo sobre o provisório, do justo sobre o injusto, da vida sobre a morte. Entretanto, outros/as buscam reativar sentidos, encontrar pérolas preciosas perdidas em meio aos escombros, flores escondidas entre pedras, preciosidades em terrenos baldios. Talvez nesses lugares haja novidades que não somos capazes de resgatar e nem mesmo de procurar.

Ouso partilhar essas observações em forma poética porque talvez ela possa convencer alguns mais do que os argumentos racionais. Poucos deixarão de crer ou duvidarão que de fato o perfume das flores é

* Teóloga feminista. Doutora em Filosofia pela PUC-SP e em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Louvain.



fugaz, é passageiro e o néctar que elas contém do agrado das abelhas, de passarinhos e de tantos outros bichinhos é igualmente provisório e renovável. Poucos deixarão de crer que se pode encontrar preciosidades em meio aos depósitos de lixo e pequenas flores em meio a um caminho de pedras. A poesia simples pode apontar para o concreto e o precário da vida e ensinar lições tiradas de cada dia. Pode levar-nos a acolher belezas onde a tragédia e as feiuras são as primeiras a serem vistas.

Tudo é em mutação. E tudo guarda alguns sinais do que foi. Há mapas de percurso passado da vida em tudo o que existe. E, é a acolhida desses pequenos sinais e dessa mutação contínua que se torna a experiência necessária a ser recuperada nesse tempo que é o nosso. Tempo do absolutismo da ciência e da tecnologia, tempo de guerras inúteis que se renovam ao sabor das muitas disputas, tempo dos muitos ‘ismos’ e do enrijecimento das crenças religiosas que justificam privilégios e poderes. É nesse mesmo tempo que também devemos enfrentarmo-nos às nossas incertas/certezas, torna-las parte de nosso corpo e de nosso pensamento a serem cuidados e renovados por elas.

Por isso esse texto breve não é para compreender a teologia feminista ou ecofeminista e justifica-las. Não é um texto teológico dentro da tradição acadêmica a partir da qual se escreve e se citam autores para justificar sua escrita. É um texto que se quer aquém e além das ideias fixas, das certezas religiosas e políticas, além das normas morais enrijecidas... Talvez seja apenas um texto híbrido, um texto poético que valha por sua inutilidade científica, pois foi inspirado de um campo de objetos recicláveis, misturado aos dejetos do presente e do passado. Enfim, são apenas alguns versos poéticos partilhados... Divagações solitárias de uma velha senhora...

O PERTURBADOR SOM DO SILÊNCIO E SUAS INSPIRAÇÕES.

Embora dependente dos insumos e nutrientes recebidos da terra patriarcal, nasceram em mim deformidades segundo denúncias de doutos especialistas e conforme as previsões comuns das sementes plantadas nesse tipo de solo. Crescem hoje em mim brotos imprevistos, embora alguns dos velhos brotos estejam ainda fortemente presentes. Muitos tornaram-se galhos secos e sem seiva vital, mas ainda assim



me habitam. Espanta-me ver os espinhos pontiagudos que irromperam em meu corpo e em meio deles algumas pequenas folhinhas delicadas e multicoloridas que me alegram sobretudo quando são apreciadas pelas pessoas que parecem ter sido acometidas pelo mesmo acontecimento devastador.

Meus espinhos corpóreos e emocionais começam por apontar-me dificuldades em relação ao **bem** que aprendi ser o bem e sobre a **justiça** que me ensinaram ser a mais perfeita. Na mesma linha incomodam-me os espinhos em relação aos desígnios do **Deus Pai** todo poderoso facilmente assimilável aos comportamentos dos grandes desse mundo. Incomodo-me com a obediência às leis divinas proclamadas pelos homens das Igrejas, pela **graça** que pregam quando cobram alto preço por ela. Confundem-me as leis necessárias ao convívio humano, visto que igualmente são grandes produtoras de injustiças.

Algo em mim que mal sei expressar me convida à apreensão de um mais além ou talvez de algo mais aquém de mim que não sei dizer se é detectável materialmente ou apenas uma espécie de nuvem emocional que me invade, irredutível a qualquer regra ou à crítica de qualquer norma fixa. Mostra-se em mim em forma de sentimento de impotência frente ao mundo, a mim mesma e às muitas certezas que as religiões e em especial o cristianismo tentaram nos impor. Esse estado mais ou menos incômodo me convida ao silêncio. E sinto o quanto ele me habita...

Mesmo dando passos importantes no delinear de uma teologia feminista e ecofeminista sinto-me pertencer a um grupo de anônimas/os sem pertencimento a siglas fixas. Anônimas/os que vivem a perplexidade da vida e buscam apenas comer o pão de cada dia e respirar o ar de cada manhã inevitavelmente poluído das cidades onde vivemos. Essas anônimas/os, mulheres e homens, jovens e velhos, embora ativos em muitas causas sociais parecem ser adeptos de um certo silêncio teórico convencidas de que é vão querer tudo explicar. Sei que muitos dirão que não faço parte dessa confraria ou dessa sororidade anárquica amante do silêncio de forma estrita, visto que dou aulas, escrevo, publico, discuto ideias, brigo... Mas, para além dessas atividades que eu chamaria de um *'divertissement'* filosófico e teológico há aquilo que a velha senhora experimenta no fundo de seu ser. E lá, no lugar onde apenas se pode ouvir



o que se chama de silêncio e se pode captar tremores do infinito ‘não saber’ algo acontece...

Saindo um pouco da deliciosa confraria e da sororidade do silêncio atrevo-me a desejar que as religiões sejam realidades mais simples. Ouso desejar que não sejam mais corporações hierarquizadas de estilo militar e imperial, que não sejam ciência com títulos acadêmicos. E, que seus símbolos não sejam de uma riqueza onipotente e suas falas incompreensíveis para a maioria das pessoas. Desejaria que não fôssemos espectadores de sentidos, público de espetáculos repetitivos, que não fôssemos apenas manada que anda e repete o mesmo refrão. Desejaria que não se vendam mais indulgências, curas, milagres através da ação de forças ocultas e do dinheiro posto nos cofres religiosos.

Meu desejo me leva até a escrever sobre esse desejo para que ele nos leve a simplificar o que chamamos de teologia para torna-la apenas um ‘olhar os lírios do campo’ ou um ‘dividir as túnicas que temos’ ou partilhar ‘as casas e bens que acumulamos’ ou apenas ‘cuidar ternamente de quem precisa ser cuidado’. Mais gestos, menos palavras... Mais silêncio, menos barulho...

As vezes tenho a impressão de que as instituições religiosas são mais nocivas do que salutares, são mais poluentes do que energeticamente limpas, são mais violentas do que seu pacifismo mostrado numa bandeira branca. Sem dúvida, preciso explicar essas sensações afirmadas como irrupções de um mal-estar interior para que eu não me considere como quem ‘cospe no prato’ em que comeu a vida toda. Mas, não é assim. Todas as palavras duras se forem expressas, ouvidas e compreendidas com ternura podem ser abertas, analisadas e compreendidas. E, é isso que desejo fazer com minhas palavras. Antes porém necessito urgentemente dizer que não as pretendo afirmar como ‘verdades’, não pretendo de antemão que sejam aceitáveis por todos/as, não as pretendo normativas de comportamentos e salvadoras da pátria. São ingredientes que deveriam apenas ser considerados... são apenas um condimento a ser provado em sua comida.

A vida tem me ensinado duramente que ao acreditar e viver na diversidade não posso mais pretender que minha forma de viver no mundo, que minhas opções e crenças sejam uma espécie de proposta



de uma nova ‘reforma’ em relação aos conteúdos cristãos. Cada vez mais as religiões estão perdendo seu caráter de universalidade e estamos nos dando as mãos para muitas causas comuns que se universalizam porque se expandem num planeta único. A universalidade vivida é a universalidade da diversidade. A universalidade é vivida na semelhança e na diferença de nossas situações, questões e aspirações. E, esse fundo diverso apreendido por nós revela que sabemos bem pouco sobre nós mesmos/as e sobre nossas possibilidades reais e criatividade. Revela nossa contradição na medida em que desejamos o bem para nós e para outras pessoas e na medida em que acabamos nos privilegiando e privilegiando aos que nos são próximos. Os mais distantes podem continuar marginalizados, prisioneiros, famintos e maltrapilhos embora os coloquemos como ‘objetos’ de nossa luta social. Cisões incríveis nos invadem, novas hierarquias nascem ao combatermos as velhas, novos heróis e heroínas sobem ao pódio de nossa história presente.

No incômodo e precioso silêncio que me habita, permito-me alguns exemplos para tornar mais claras minhas observações e reflexões.

Lembro alguns eventos e movimentos que ajudam a pensar.

As manifestações contra a indústria de armas reúnem pessoas dos mais diferentes rincões do mundo que gostariam que as guerras entre os países, o extermínio de pessoas por vingança ou por qualquer outra futilidade deixasse de ser um comportamento comum entre nós. Muitos dirão que fomos nós os humanos que desde os primórdios de nossa evolução inventamos as armas rudimentares para matar. E seguimos nos especializando nessa ‘arte’. A violência de uns contra outros nos habita... A raiva adormecida sempre acorda e se torna destrutiva. Isto é tudo verdade, porém na escala e no ritmo em que estamos a destruição será cada dia mais fatal. Então, algumas pessoas ousam acreditar que seus rogos, suas petições, suas promessas a seu deus, seus jejuns poderão demover algumas outras de obedecer as intenções mortíferas dos donos das indústrias de guerra. Será que conseguiremos? No fundo não acredito na vitória final, mas enquanto estamos mostrando essa bandeira talvez ontem como hoje alguns poucos desistam de ir à guerra, talvez alguns deixem de ser operários de uma indústria de armamentos, talvez alguns deixem de trabalhar



na extração de metais para a indústria da guerra, talvez alguns não comprem um revólver...

A luta pela reforma agrária em muitos países do mundo não significa um final feliz para os pleitos feitos, mas expressa-se em pequenas vitórias em meio a muitas derrotas e mortes. Novos campos de trigo e arroz existem sem os habituais agrotóxicos e sobrevivem em pequenas extensões de terra... Hortas comunitárias se espalham pelo país... Cozinhas comunitárias se multiplicam... E é a classe oprimida que encontra as soluções de vida digna.

As denúncias sobre as consequências extremas da pobreza são conhecidas. Basta andar pelas periferias e pelos centros urbanos onde vagueiam os miseráveis. Basta olhar nossa prisões e constataremos que estão cheias de miseráveis, aqueles que não foram educados em escolas, que não foram iniciados em profissões, que não tem alimento, casa e comida... As prisões em sua grande maioria são para os pobres, para os que cometem delitos para sobreviver. Seguem vivendo nas piores condições nas prisões assim como viviam nas ruas... E no entanto seguimos com os discursos sobre a injustiça social e sobre as iniciativas sanadoras que pouco chegam a ser efetivas.

Os grupos anti-racistas, os grupos feministas, os grupos ecologistas da mesma forma seguem suas denúncias, porém não obterão como vitória a suspensão do racismo, do feminicídio, da destruição da natureza. Uma forma de racismo cai e outras mil se levantam! As denúncias serão sem dúvida uma alerta talvez até eficaz para que vejamos a destrutividade de nossas ações e mudemos em algo nossos nocivos comportamentos. Mas, há que lutar sempre para a manutenção da vida digna em nós... Não há trégua!

Creio que só então *'haverá um novo céu e uma nova terra'*, a serem sempre renovados cotidianamente. Não é na terra global, mas apenas numa pequena extensão onde seja possível entrever um pequeno céu de relações humanas. Não creio que chegaremos ao final feliz de uma história onde todos se encontram e celebram a vitória sobre uma terra que nunca lhes será tirada e comam o pão sem que este nunca lhes falte.

O novo céu e a nova terra são provados hoje, nesse instante, no pequeno mundo de nosso cotidiano, sem a garantia de uma certeza



e estabilidade total. O novo céu e a nova terra são um presente do presente, do cotidiano de nosso corpos em meio ao inferno que segue existindo. E, é dessa forma limitada que deveria ser creditado e celebrado pelas pessoas que o buscam.

Muitas outras lutas deveriam ser penetradas pelo provisório, pela mistura da vida, pelo hoje, pelo aqui e pelo agora. Nossa fé começaria nessa pequena aposta cotidiana, no pão nosso de cada dia, na casa nossa que nos abriga e aconchega. Nossa fé hoje se lembraria das/dos que a tiveram no passado e que foram capazes de dividir seu pão, enxugar lágrimas, cuidar dos doentes, amparar trôpegos e celebrar a vida de cada dia. A teologia se transformaria numa vidalogia do cotidiano, numa renovada compreensão da vida das pessoas, na busca de um caminho inclusivo em vista do bem para todos.

O DESAFIANTE MUNDO DAS COMUNICAÇÕES E SEUS LIMITES.

Nós as envelhecidas/os desses tempos e outras pessoas que participam do mesmo sentimento vivemos às vezes incomodadas pelos excessos de notícias, de interpretações, de ruídos de chamadas e mensagens que nos chegam a todo instante de um pequeno aparelho quase agregado à nosso corpo como uma célula artificial. Repetições, novidades, confusões de sentidos e informações as mais disparatadas nos chegam a cada instante levando-nos a uma espécie de busca de certificação contínua se isto é fato ou fake. O mesmo sucede no mundo das religiões. Ele também está envolvido nessa horrível dualidade que o torna inseguro como qualquer outro mundo cognitivo. Ele é penetrado pelo pluralismo e competição das muitas igrejas e seus diversos produtos para sanar doenças e inseguranças múltiplas. Porém, as respostas dadas raramente se dobram à realidade maior que nos envolve.

Essa crítica ou incômodo não se refere aos benefícios que a tecnologia proporciona, mas aos excessos que através de nossas próprias criações podemos viver. Através da ‘célula artificial’ que possuímos podemos ter aulas, conferências, filmes e até não precisamos nos locomover para ir aos templos. Nos congregamos através dela e tornamos nossa cozinha, nossa sala, nosso terraço e até o banheiro o lugar onde nos conectamos digitalmente com os outros. Eles podem ver-nos ou não.



Estamos lá em espaços múltiplos acolhendo sentidos múltiplos que nos chegam. Esse é o novo rosto das religiões mediatizadas. Viraram expressão da mídia, ‘recolhimento’ individual que nos permite celebrar e limpar a casa ao mesmo tempo, engraxar sapatos e ouvir homilias. Apenas os velhos e doentes se assentam frente aos televisores e buscam silenciar frente a eles ou simplesmente adormecer. Que teologia recebem? Que propagandas se imiscuem em meio aos cultos religiosos tornando-os processos de propaganda de produtos vendidos à preços módicos. Em meio ao salmo **‘o Senhor é meu pastor’** aparece a propaganda de uma vitamina feita de ervas que dá força aos idosos. Um pastor a apresenta e vende-se ao mesmo tempo o produto e a crença. E, além disso afirma que este gesto responde ao amoroso apelo divino pois se trata da compra de um produto provindo da natureza.

Teriam lugar a teologia da libertação, a teologia feminista, a teologia ecologista? Poderiam elas ser as dominantes em nosso universo cultural? Poderíamos viver sem seus rótulos e apreender algo nelas que toca a dor comum que nos aflige? Ou necessitamos de outra coisa, de algo diferente que de fato faça emergir novos sentidos e novos compromissos?

Estas perguntas nos convidam a acolher o pluralismo da vida e das religiões acirrados nesse momento da história muitas vezes em disputas mesquinhas ou reduzidos a compra e venda de benefícios ditos ‘espirituais’. Ouso afirmar que nenhuma postura crítica religiosa ou nenhuma postura fundamentalista ou crítica gozarão de hegemonia. Nossa pretensão de doutrinar uns e outros para nosso redil se vê marcada pelo pluralismo muitas vezes individualista que também nos caracteriza. Acompanha tudo isso um sentimento de abandono e abandonados/as buscamos qualquer solução que nos tire da situação de exceção e da precariedade vivida. Por isso, se apela à força do Espírito, à força de Deus, aos santos e anjos, à Nossa Senhora de muitos nomes e especialidades. Pedimos que abram nossos caminhos, que nos curem e que nos livrem das muitas adversidades da vida... Não conseguimos nem nos ouvir nessa Babel de vozes, nesse mercado religioso onde vendem-se milagres e lugares nos céus. O que estamos de fato aprendendo dessa situação? Que leitura pessoal fazemos?



A vida apesar das pequenas alegrias e graças nos pesa a todos/as e de muitas formas. No fundo apesar das muitas ciências que se desenvolvem diariamente, perdemos nas religiões e nas políticas atuais um contato real com a cotidianidade da vida. Embora vivamos no cotidiano acontece que no pensamento, nas crenças, nas teorias, nas soluções buscadas muitas vezes nos distanciamos de nossa simples vida... Frente ao acúmulo de riquezas para uns e frente ao acúmulo de pobreza de outros buscamos saídas nas teorias econômicas que por serem feitas por doutos economistas servirão muito mais aos economicamente privilegiados do que aos empobrecidos. O mesmo se dá nas formulações teóricas das teologias. Em que de fato colaboram para o gritante dualismo cultural, social, econômico e político que nos assola?

Constatamos o quanto um crescente medo dos outros nos assola... Experimentamos os outros tanto no ônibus, no metrô quanto caminhando nas ruas como possíveis agressores. Sua proximidade às vezes nos apavora...

Passamos a duvidar da qualidade das coisas, das pessoas e de nós mesmos. Multiplicam-se as formas de defesa: carros blindados, fechaduras de grande precisão, guarda-costas, cachorros de guarda, coletes antibala... Igrejas e templos fecham... Polícias fardados ou não se espalham para proteger os fiéis. Novenas e promessas se multiplicam... Parece que estamos em guerra uns contra os outros. E, de fato estamos. Mesmo se não ouvimos continuamente o som das metralhadoras e dos canhões de guerra estamos sob ameaça contínua.

Esta situação faz proliferar o apelo aos deuses, torna-os mais potentes frente a nossa impotência... Dá força às ilusões, aos remédios ineficazes, aos enganos, às alienações de muitos tipos. Faz proliferar os mercadores dos templos, as fábricas de ídolos... Fortalece as situações apocalípticas e ameaçadoras. Não há soluções únicas, soluções que sirvam para todos... Quem virá em nosso auxílio? Por que não buscar auxílio em nosso coração, em nossa dor comum, em nossa solidariedade mútua?

Proponho uma volta ao *'conhece-te a ti mesma'*, uma volta para o conhecimento de nossa relação com os outros, conhecimento de nossas paixões, de nossos limites. Sem dúvida não é apenas um atrevido ensaio de quem tem o hábito de pensar a vida, mas um resgate da



ação e do pensamento de quem achamos que não pensa a vida. Pensar coisas simples do cotidiano que nos é imposto de fora e de dentro de nós mesmas, cotidiano onde forças nos obrigam quase sem escolha a entrarmos num estranho mundo ditado por forças poderosas. Rompê-las no miúdo da vida... Aprender do Sr. José que leva seus 5 cães à rua e pede ajuda de ração para nutri-los. Não pede para si, mas para eles. Aprender de Dona Luiza catadora de papel leva dois netos pequenos numa carroça puxada por ela e pede ajuda para eles. Apreciar o gesto de Dona Lina que vai visitar a filha presa num reformatório de menores infratores e leva biscoito para ela e suas colegas. Estes ‘causos’ parecem observações ingênuas que espantariam qualquer economista ou politólogo... Porém insisto que a gente poderia fazer análise da vida a partir desses pequenos acontecimentos e muitos outros. É isso voltar ao cotidiano... É isso estar a altura da vida comum da maioria das pessoas. É isso analisar o real e fazer também poesia...

A NUDEZ DO COTIDIANO E A TEOLOGIA.

Como voltar a encontrar o nosso corpo, seus gestos e simples necessidades, o corpo habitual de nossa vida? Como sentir-nos de fato um pouco mais longe da contínua intromissão da célula artificial e de seus desígnios? O que buscar nesse ‘vale tudo’ que nos ofusca e desintegra? Como acalmar essa fome sem nome de estar em dia com tudo o que acontece? Como lidar com a culpa que nos infligem quando dizemos que nem sabíamos ou não sabemos disso ou daquilo?

Seduzidos pela comunicação instantânea o caminho da simplicidade da vida se torna difícil de ser alcançado. Se vê sempre interrompido pela célula artificial fora do corpo ou até introduzida no corpo que não nos dá descanso como se fosse uma metralhadora cuja performance informativa cheia de inutilidades é quase eterna. Talvez o mal-estar e até a culpa são sentidos sobretudo pelos mais velhos, aqueles habitados por nostalgias passadas, aqueles e aquelas que têm uma larga história antes da intromissão da célula mágica.

Ouso dizer que há que fazer violência à violência da célula. Tentar adormecê-la para permitir que nossa carne e nossos ossos voltem a respirar, que possam sentir os raios do sol ou a chuva antes mesmo de



serem anunciados pelas vozes e imagens emanadas da célula. Voltar à nossa nudez, à simplicidade das descobertas de cada dia, ao desfrutar de coisas simples. Sentir de novo o sabor de nossas lutas alertadas por nossos corpos e de outros que nos tocam. Não acordar apenas abrindo a boca da célula, mas abrir a janela e olhar a cor do céu... Sentir um pouco mais o nosso corpo e os outros corpos... Isso pode parecer um sonho saudoso ou até um retrocesso frente aos avanços da tecnologia!

Porém, não nego a importância da tecnologia da célula, dos computadores e das muitas máquinas que se inventaram para conhecer o mundo de hoje e até nossos corpos quando necessitam de exames médicos apurados. Nesse exato momento estou utilizando o computador para escrever e acabo precisando dele para muitas outras coisas. Porém, é como se sentisse também essa máquina e a célula artificial muitas vezes como invasoras de mim, como se me obrigassem constantemente a entrar nas suas informações e roubassem o espaço para pensar-me como mundo no mundo. Não quero acentuar dualismos e oposições, mas o fato é que nos tornamos absolutamente dependentes das ordens da célula e nem sempre por vontade própria.

A necessidade da nudez, de estar à sós deveria tocar a teologia e até arrancar-lhe esse nome solene para mostrar seu corpo maior, corpo onde habitam corpos de crianças, de jovens e velhos em busca de vida digna, onde habitam florestas e rios e córregos sendo massacrados e destruídos. A nudez da teologia ou seu desnudamento é condição para o encontro da vida, das histórias de cada dia, das parábolas, dos ditados populares, de nossos medos e pequenas alegrias. A nudez da teologia significa sair de seus dogmas considerados eternos, sair das imagens masculinas de Deus e dos salvadores entronizados como figuras únicas e imutáveis. Significa igualmente sair da metafísica, da ontologia e até da metafísica dos textos bíblicos que se arvoram em ser autoridade da Tradição divina negando a tradição múltipla de nossos corpos e de nossas culturas próprias. Não petrificar nossas tradições, mas torna-las mais móveis, mais perto de nosso gingado atual, mais dançantes, mais comunicantes de vida. Abrir espaços para as amizades entre corpos diversos para que descubramos nossas rugas comuns e a escassez de nossos cabelos. Olfatiar a vida para que sintamos nosso perfume co-



mum e ao mesmo tempo diferente, perfume que estamos usando no cotidiano e nos dias festivos. Ouvir as novidades de nossa vida de viva voz sentindo em nosso corpo as vibrações de muitas vidas.

Sei bem que poetizo em meio a eletrônica capacidade de nosso tempo. Mas, é que só vejo salvação do exílio de nós mesmas nos pequenos encontros de cada dia, na solidariedade de vizinhos, na lembrança das amizades, nos encontros gratuitos. São eles que alimentarão as saudades do nosso amanhã. São eles que nos farão rir das estreitezas e gafes em umas e outras situações. São eles que nos farão lembrar dos tremores e vibrações de nossos corpos diante daquilo que experimentamos como paixão, medo, alegria e prazer.

No cotidiano reaprender a tocar nossas feridas, reaprender a nos olhar nos olhos, a perceber quando uma lágrima escorre de nossos olhos, quando a garganta sufoca ao narrar um acontecimento, quando o ar nos falta diante de tanta dor... Tudo isso é importante e necessário.

Esse movimento em nós e por nós não é um voltar atrás, mas é um fincar os pés na terra em que caminhamos, um seguir adiante o processo de conhecimento de nós mesmas/os e dos mais que nós mesmas. E este conhecimento tem que ser vivido na intimidade e proximidade corpórea, em toques e encontros que nos estremeçam mais do que uma tela de computador ou de celular. Esse conhecimento tem que ser experimentado no corpo a corpo da vida de cada dia e tornar-se verdade maior, sentida e vivida, experimentada e comunicada. Daí porque é preciso voltar à nudez do corpo, isto é, do conhecimento de si sem medo de nossas imperfeições e limites, sem necessidade de entrar nos padrões estabelecidos mas simplesmente permitir que sejamos juntas/os da mesma terra humana.

O AMOR AO PROVISÓRIO.

E chegamos assim ao amor ao provisório visto que o provisório é o definitivo para cada uma/um de nós e a cada diferente momento. O provisório é o único amor que nos é possível nessa breve vida. Um amor por pessoas, pelos animais, pelas flores, por causas que começam, acabam, se renovam, se cansam e morrem. Amor? O que contém essa palavra que se ampliou de tal maneira que englobou Deus nela, quase



definindo-o? A que experiências reais posso me referir quando a pronuncio? Estaria isenta de dor, de sofrimento, de angústia, de medo? Estaria nela uma reciprocidade igualitária? Ou seria uma reciprocidade muitas vezes frustrante longe das expectativas da reciprocidade romântica? A palavra amor é bonita e ao mesmo tempo enigmática porque muitas vezes se disfarça em ciúme, em ódio, em outros fantasmas e fantasias que demonstram seus incríveis limites. O amor não é, é um sendo atraente, cambiante, mutável, instável em nossa experiência. O atribuímos ou identificamos a um ser maior como que para garantir sua presença em nós tal qual o ar que respiramos.

Talvez como a imagem da fénix que renasce de novo assim o amor nasce e renasce de muitas formas, linguagens plurais e em muitos cantos e canções de nossas vidas. Porém, tudo se dá no provisório. O eterno está na morte individual nas suas diferentes e desconhecidas mutações e transmutações. Por isso também quando dizemos que amamos a Deus trata-se também de um amor ao provisório, mutável, conectado à experiência sempre provisória daquilo que chamamos de amor e conhecimento.

O hoje é parecido e ao mesmo tempo diferente de ontem. Porém, há sempre como um algo a mais que felizmente não conseguimos expressar para mostrar a finitude e a fragilidade de nossas vidas, de todas as vidas e provavelmente de algumas muito mais do que outras. Algo sem nome, apenas intuído é muitas vezes desejado como uma espécie de finalização de uma passagem... Tentar acolher esse algo indizível mudaria nossa situação? Confesso minha ignorância e quero guardá-la apenas como necessidade vital nesse momento de minha vida.

A sociedade patriarcal em que vivemos não só valorizou e empoderou o masculino, mas o deificou crucificando-o como homem como se esta fosse a única lógica possível para fazer valer o seu poder. Torna heróis os que são crucificados e mortos pelo mundo das hierarquias do poder como se quisesse eternizar através deles a lógica da morte em vida. Estigmatiza o sofrimento até a morte como se os justos devessem passar sempre pelos caminhos da rejeição ou como se o Filho de Deus crucificado já tivesse ganhado a vitória sobre a morte porque afirmado como ressuscitado. Mas a morte, a matança cotidiana está aí ceifando



vidas. Por isso, a ressurreição são pequenas ressurreições. São o alívio momentâneo da fome, da sede, da solidão, da dor... São as pequenas alegrias que brotam em meio a dureza dos tempos.

O amor heroico tocou também as mulheres, porém de outra forma. Por muito tempo acolheram-nas como as rainhas do lar, as mães que sempre acolhem os filhos mesmo que sejam ingratos, as mães que dão luz ao fruto de suas entranhas e por isso são valorizadas. São idealizações na maioria das vezes apenas epidérmicas para seguir ritos e costumes considerados importantes para o lucro capitalista.

Agora estamos acordando para o amor provisório, um amor que se mostra na intensidade do momento e que deixamos morrer quando morre a reciprocidade. Estranha ética que se anuncia em contradição à metafísica do amor eterno. A palavra eterno é apenas um desejo, um suspiro, uma ganância individual, um poder imaginário sobre os habitantes do 'vale de lágrimas'. A palavra eterno/a é na realidade um som provisório, um suspiro que pode ser vivido, porém não pode ser uma convocatória ética para melhorar as nossas relações, para cuidar uns dos outros, para sanar as nossas feridas e silenciar os canhões que continuamos a fazer soar. Por isso, buscamos algo mais ao nosso alcance, uma comida caseira, uma sopa de legumes para ser saboreada em conjunto nos dias frios ou uma salada de verduras para os dias de intenso calor. E essa busca tem que ser uma constante em nossa história, uma constante que lhe dá rumo e sabor.

O CALOR HUMANO E SEUS BENEFÍCIOS.

Para além da grande eficácia comunicativa que as novas tecnologias apresentam, o calor humano precisa ser de novo resgatado, a cordialidade, o cuidado afetivo, o respeito aos diferentes como aquisições de nossa humanidade. Sentimos saudades e necessidade da corporeidade verdadeira e contínua desse calor.

Frente à célula artificial que nos acompanha através do celular nos mostramos como reis, rainhas, heróis, corajosos, admiráveis, belas uns/umas para os outros. Angariamos seguidores, somos seguidos ou permanecemos desconhecidos entregues à vida possível de cada dia.

Além de servir-nos a célula nos modifica, recria-nos segundo nossas fantasias e as expectativas que acreditamos que outros têm de nós. Po-



rém, na hora da dor de barriga, da queda com fratura da perna, da febre alta, do abandono que nos acomete só o calor humano nos sustenta. A célula deixa de ser companheira inseparável. A célula é silenciada ou se silencia na falta de energia. Nossos ídolos nos abandonam porque são obras de nossa múltipla ganância e carência.

Diante das lágrimas das crianças famintas a célula artificial perde sua eficácia. Diante da mulher golpeada pelo ex-companheiro a célula não consola... Diante da morte do amigo a célula não enxuga as lágrimas. Sei bem que ela é *meio*, mas tem sido um meio invasivo.

Apenas o sentir e o compartilhar efetivo devolve vida, consola e possibilita novas buscas.

Tudo isso não é novo assim como não é novo o egoísmo humano, a venda de uns para outros por um par de sandálias, por ópio, pelas armas, pela comida. Não é novidade que os pobres e miseráveis, os/as abandonados à própria sorte são necessários para a manutenção do capitalismo excludente. Sabemos de tudo isso, inclusive que a causa das mulheres é usada também para a manutenção das contradições e exclusões sociais, raciais e de gênero. Somos uma meada de linha enroscada e muitas vezes não encontramos o fio que nos ajuda a desenroscá-la. Não seríamos então levadas ao pessimismo ao constatar a ineficácia global de nossas análises e ações? Creio que não. Somos levadas a redescobrir nossa medida humana, nossas contradições, nossas ilusões e a enfrentarmos com ternura a **realidade misturada** do ser que somos. Somos convidadas a acolher nossa finitude e a necessidade de limitar nosso ter, nosso poder e nosso valer para que outras e outros também possam, também tenham e valham. Somos convidadas a reconhecer que somos a imagem e semelhança uns dos outros, isto é, somos a mulher vítima do narcotráfico, a prisioneira, a mulher do presidente, a amante do deputado, a expulsa de sua igreja, a criança abandonada, a velhinha bem cuidada ou a abandonada, o comerciante explorador, o banqueiro contando dinheiro, o homem violento...

O que é novo hoje é apenas a forma, a expressão, o momento, o novo objeto desejado, a linguagem específica que o acompanha. O novo é também as novas personagens desejando viver o cuidado de uns para com os outros nessa sinfonia humana em que muitas vezes



o tremendo da violência com seus acordes abruptos parece superar o gesto de carinho, a partilha do pão, a esperança no amanhã.

Esse novo é o nosso momento, nosso tempo atual que precisa ser vivido na real inclusão e respeito a cada vida. Os discursos, as análises científicas terão pouco efeito se nosso coração não se dobrar à dor do outro/a, se nossas revoluções não tiverem calor humano e guardarem a importância de sua eficácia. Este é o benefício da partilha do calor humano, calor que compreende, desarma e acolhe cada vez que é vivido.

BREVÍSSIMA CONCLUSÃO: É PRECISO VOLTAR ÀS FLORES E À CANÇÃO.

‘Caminhando e cantando e seguindo a canção’ como canta Geraldo Vandré. Mas, qual é mesmo a canção que há que seguir? Seria talvez necessário aprender velhas/novas lições como diz a canção. Seria ao menos necessário tentar apreender algo de seu conteúdo, de sua novidade e de sua necessidade. As lições têm a ver com o *‘não morrer pela pátria’*, não guerrear a outra pátria, não deixar que a ferrugem coma as riquezas, que o orgulho habite os corações, que a inveja destrua as relações. Têm a ver com a negação da ambição, da propriedade privada a qualquer preço, da egolatria que nos seduz e mata. Nossa canção tem a ver com a mistura dos meninos e das meninas, com sua interdependência, com a negação da hierarquia plantada entre os gêneros e classes. É uma canção que vem do *‘de profundis’* de cada um/uma de nós. E desse profundo se pode ouvir uma palavra, um verbo conjugado em muitos tempos e modos – partilhar.

Partilhar! Partilhar! Mesmo sabendo o quão difícil é partilhar. Partilhar mesmo sabendo que dói dividir a casa, as túnicas, as terras, as festas, os carros, os aviões, os amores... Partilhar quando dói não matar o boi, não derrubar a árvore para preparar um churrasco abundante...

Partilhar porque o ar, a água, o sol, a lua e as estrelas partilham sua força vivendo também em nós. Por isso, há que tentar sempre de novo a partilha, há que aprender a vive-la como direito e dever de todos/as, há que a expandir, a semear como o bom grão que produz o cêntuplo.



Partilhar! Esta é a palavra-chave e o segredo fortemente presente na tradição dos Evangelhos e de muitas outras sabedorias. Faz parte das inúmeras tintas em cores e em branco e preto que estão à nossa disposição para redesenhar com beleza o hoje de nosso mundo. Afinal, mesmo sem saber somos todas/os grandes artistas!

Ivone Gebara
Maio 2023